

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil

Resumo

O artigo inicia apresentando a história da tradução e da publicação do único (até agora) livro de poesias de Paulo Leminski para o idioma polonês, *Powróciło moje polskie serce*. Na sequência, discutem-se em detalhe três dos poemas traduzidos, apresentam-se desafios tradutórios e analisam-se poemas originais e traduzidos. Posteriormente são discutidas a questão da recepção do livro e perspectivas de futuras publicações e traduções da poesia leminskiana na Polônia. Na parte final do artigo, o autor faz uma reflexão poética a respeito do ato de traduzir Leminski, ilustrada com traduções até agora inéditas dos versos do poeta curitibano.

Palavras-chave: Paulo Leminski; tradução de poesia; poema em tradução; autorreflexões tradutórias; recepção polonesa de poesia brasileira.

Abstract

The article begins by presenting the history of the translation and publication of Paulo Leminski's hitherto only book of poetry into the Polish language, *Powróciło moje polskie serce*. In the next part, three of the translated poems are discussed in detail, translation challenges are presented and original and translated poems are analyzed. Subsequently, the issue of the book's reception and prospects for future publications and translations of Leminski's poetry in Poland are discussed. In the final part of the article, the author makes a poetic reflection on the act of translating Leminski, which is illustrated with hitherto unpublished translations of the Curitiba poet's verses.

Keywords: Paulo Leminski; poetry translation; poem in translation; translational self-reflections; Polish reception of Brazilian poetry.

Resumen

El artículo comienza presentando la historia de la traducción y publicación del único (hasta ahora) libro de poesía de Paulo Leminski al idioma polaco *Powróciło moje polskie serce*. A continuación, se analizan en detalle tres de los poemas traducidos, se presentan los desafíos de traducción y se analizan los poemas originales y traducidos. A continuación se analiza la cuestión de la acogida del libro y las perspectivas de futuras publicaciones y traducciones de la poesía de Leminski en Polonia. En la parte final del artículo, el autor hace una reflexión poética sobre el acto de traducir a Leminski, que se ilustra con traducciones hasta ahora inéditas de versos del poeta curitibano.

Palabras clave: Paulo Leminski; traducción de poesía; poema traducido; autorreflexiones traslacionales; recepción polaca de la poesía brasileña.



Um pouco de história

Há exatos dez anos, em meados de 2014, estava tomando corpo a ideia de publicar o primeiro (e até agora único) livro de Paulo Leminski na Polônia. A ideia nasceu em 2013, quando os professores Jolanta Tambor e Romuald Cudak, da Uniwersytet Śląski (Universidade da Silésia de Katowice, Polônia), vieram visitar a Universidade Federal do Paraná e seu curso de Letras Polonês, criado em 2009. Durante uma conversa em que tive a oportunidade de lhes apresentar o poeta e sua obra, que já haviam conhecido pelos murais durante um de seus passeios pela cidade de Curitiba, ficaram entusiasmados com a ideia de apresentar aos poloneses um poeta tão importante e até então praticamente desconhecido na terra de seus antepassados.¹

O livro (Leminski, 2014) veio a lume no final daquele mesmo ano e teve sua reedição brasileira, ampliada por alguns poemas, um ano depois, lançada durante a comemoração do septuagésimo primeiro aniversário do poeta. O livro *Powróciło moje polskie serce*, fruto de uma colaboração entre a Universidade Federal do Paraná e a Uniwersytet Śląski, foi publicado pela Editora Gnome de Katowice e teve distribuição dirigida. Minha ideia de traduzir Leminski contou com o pronto acolhimento da professora Jolanta Tambor, diretora da Szkoła Języka i Kultury Polskiej Uniwersytetu Śląskiego (Escola do idioma e cultura polonesa da Universidade da Silésia), que tornou possível a publicação do livro. Foi ela também quem propôs que no livro, além das cinquenta traduções de minha autoria, fossem publicadas também seis traduções de Konrad Szcześniak, seu colega da mesma universidade, o qual também fez o projeto da capa. Vale a pena frisar aqui que as 56 traduções contidas no livro bilíngue correspondiam aos 54 poemas originais. Tanto eu quanto o outro tradutor tomamos a decisão de fornecer duas traduções possíveis para um dos poemas traduzidos. Desde aqui podemos apontar que às vezes é impossível fazer jus ao poema original com apenas uma tradução única, e que cada um dos tradutores resolveu desdobrar um poema original em dois traduzidos para que o poema em tradução pudesse reluzir com todas as cores do original, ao mesmo tempo multiplicando-se em dois poemas com sentidos diferentes, algo possibilitado pela construção extremamente polissêmica da poesia de Leminski.²

¹ Uma seleta de poemas de Leminski (Leminski, 2011, p. 221-240) e fragmentos de *Catatau* (Leminski, 2011, p. 241- 251), em tradução de Michał Lipszyc (2011), junto com um artigo dele sobre o poeta e os problemas da tradução (Leminski, 2011, p. 252-258) foram publicados na mais renomada revista polonesa dedicada à literatura traduzida e traduções de literatura estrangeira *Literatura na świecie* (Leminski, 2011). O número 1-2 de 2011 da revista foi dedicado à literatura brasileira, e Leminski foi acompanhado, na revista, por, entre outros, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Silviano Santiago, Rubem Fonseca, Nicolas Behr, Luiz Ruffato e Daniel Galera.

² Adiante discuto brevemente o caso do poema que contou com duas traduções minhas.

O livro contou ainda com prefácio de meu colega de Letras Polonês na UFPR, também exímio tradutor, Marcelo Paiva de Souza (que foi traduzido por Konrad Szcześniak), com uma breve recordação a respeito de Leminski, escrita por outro magnífico tradutor e professor da Universidade de Brasília, Henryk Siewierski, e um posfácio meu, além de uma seleção de fotografias do poeta de autoria de Dico Kremer, Paulo Ricardo Botafogo e Márcio Santos. A primorosa edição foi fruto de trabalho gráfico de Marek Francik.

A edição brasileira mencionada acima (Leminski, 2015) foi publicada pela Casa de Cultura Polônia Brasil de Curitiba e concebida como uma oportunidade para que os descendentes de poloneses no Brasil pudessem ler o trabalho do poeta nos dois idiomas. Minha ideia de publicar essa reedição foi prontamente acolhida pela diretora da Casa na época, Schirlei Freder, e pela família Leminski. O projeto, desta vez centrado na cidade de Leminski, Curitiba, contou com produção de Schirlei Freder e de Aurea Leminski, e foi acompanhado pela exposição *Meu coração de polaco voltou*, cujo tema refere as raízes polonesas de Leminski e que estreou junto com o livro, em agosto de 2015. A diferença em relação à edição original foi o prefácio de minha autoria, que contava a história do livro e de sua reedição, as traduções do texto de Henryk Siewierski e do meu posfácio (que na edição original, dirigida ao leitor polonês, contavam apenas com versões nesse idioma), que foram traduzidos pelos primeiros graduados do curso de Letras Polonês, respectivamente Eneida Favre e Luiz Henrique Budant. Como indiquei, o livro contou com um bônus em relação à edição polonesa: cinco traduções a mais. Uma delas foi um poema de Leminski, até então inédito, que foi disponibilizado para a edição por Aurea Leminski. Outras quatro traduções tiveram sua história à parte. Três delas foram inicialmente planejadas para a primeira edição do livro, mas até o momento do fechamento do livro não consegui encontrar forma que fizesse jus aos originais, não em termos de fidelidade (algo impossível), mas em termos de valor do poema traduzido, que, usando meios e recursos diferentes, próprios ao idioma de chegada, pudesse não apenas refletir o brilho do original, mas também brilhar com luz própria, ainda que disfarçada de refletida. A quarta aconteceu, se não me falha a memória, a pedido de Aurea Leminski, sem cujos apoio e atenção nenhuma das edições teria ocorrido.

Os três poemas que quis traduzir para a primeira edição, embora depois de meses matutando eu tenha sido obrigado a jogar a toalha por conta dos prazos, vieram a mim de uma vez só e sem a perspectiva de uma segunda edição. Talvez essas traduções, em algum grau, fossem motivadoras para eu pensar na possibilidade de uma reedição do livro em que pudesse caber.

Sobre o caso dos três poemas

Tentarei resumidamente discutir agora o caso dos três poemas mencionados acima. O primeiro deles, inicialmente publicado no volume *Polonaises*, em 1980, no original se apresenta assim:

moinho de versos
movido a vento
em noites de boemia

vai vir o dia
quando tudo que eu diga
seja poesia

(Leminski, 2015, p. 104)

Temos, como se vê, um poema que, além de manter uma estrutura rítmica, apresenta melodia criada por rimas (boemia – dia – poesia) e assonâncias (vento – versos - poesia; moinho - movido – noites – vai – vir – dia – diga - poesia). As aliterações (m/v nas primeiras duas linhas da primeira estrofe: “moinho de versos” “movido a vento” e v/v: “vai vir” na primeira linha da segunda estrofe) também ajudam na criação da estrutura rítmica e melódica. Além disso, a rima entre as palavras “boemia”, “dia” e “poesia” permite criar associações semânticas instigantes, uma vez que o dia em que tudo que o eu lírico disser for poesia vem depois das noites de boemia. Contrastam-se, assim, dois elementos opostos que necessariamente se complementam: dias de trabalho, de clareza de uma poesia que talvez seja apolínea, mas que só pode ser produzida pelo moinho de versos que representa o poeta depois das escuras noites de boemia, claramente dionisíacas. Dessa maneira, a poesia, que vem de forma total, é obrigatoriamente fruto dos dois elementos: racional e irracional, diurno e noturno, apolíneo e dionisíaco.

É claro que um poema que tão bem define o poeta Paulo Leminski, que em sua vida e obra uniu os elementos solares e lunares, construtivos e destrutivos, laboriosos e festivos e, por fim, racionais e iracionais, era mais do que interessante para compor uma seleta que o apresentaria ao público polonês. As tentativas de traduzir os versos não foram satisfatórias, e a pressão do prazo não ajudou no livre fluxo da inspiração, que, certamente, é necessária para conseguir um resultado publicável. Como disse anteriormente, esse, assim como outros dois poemas, veio de uma vez, depois da publicação do primeiro livro, no momento em que o elemento irracional, que permitiria insuflar a vida na matutação racional do tradutor, teve oportunidade de se manifestar em um ambiente tranquilo de descanso da racionalidade. A racionalidade

anteriormente analisou o poema, procurou saídas e inspirações, teve que se defrontar com a sensação de impotência e insuficiência, uma velha conhecida de quase todo tradutor. No momento em que ela parou de incomodar o elemento irracional e criativo com as pressões, este soprou a seguinte saída:

*wiatrak wierszy
młyn poruszany
wiatrem, nocą i cyganeria*

*przyjdzie dzień
kiedy wszystko co powiem
będzie tylko poezja*

(Leminski, 2015, p. 105)

Em termos formais foi mantido o ritmo, mas as rimas não seguiram perfeitamente o original, mantendo-se apenas a dupla “*cyganeria/poezja*”. O poema em polonês mantém também o intuito de criar o efeito sonoro de alterações, mas em outros lugares do poema e com a repetição de consoantes diferentes: “w” (“*wiatrak wierszy*; “*wiatrem*”), “sz” (que tem o som semelhante ao “ch” em português e aparece em “*wierszy*” – “*poruszany*” – “*przyjdzie*” – no último caso pronunciado igualmente apesar da grafia diferente) e “p” (“*poruszany*”, “*przyjdzie*”, “*poezja*”).

A escolha de “w” permite a manutenção do som de “v” (o “w” polonês e o “v” português têm a mesma pronúncia) que, além de criar associação com o som do vento e de máquina, como um moinho, também de alguma forma reflete o ímpeto inicial de um motor criativo, que, em português, poderia ser associado também ao “m” usado no original. Por outro lado, o uso de “sz” permite criar no poema traduzido o efeito de um suave chiado de vento ausente no original. A explosiva “p”, por sua vez, pode refletir tanto erupções de inspiração quanto as dificuldades dos repetidos princípios da criação de uma obra, antes de ela vir a surgir, como num toque de mágica.

A camada semântica do poema apresenta algumas diferenças em relação ao original, que, por mais que não sejam vitais, alteram um pouco seus sentidos. Temos em polonês duas palavras que possam significar “moinho”, uma delas, “*wiatrak*”, refere-se aos moinhos de vento (e contém em si a palavra “*wiatr*”, que significa “vento”), enquanto a outra, “*młyn*”, define todo tipo de moinhos (sendo originada de palavra “*mielić*”, “triturar”). Uma vez que o idioma de chegada possibilita o uso de duas palavras com sentidos semelhantes, mas diferenciados, a opção de usar as duas faz com que a figura de moinho nesse poema seja mais presente e fortaleça a imagem do poeta como um ser que

constantemente reelabora a realidade e suas percepções, podendo produzir a partir delas uma expressão nutritiva. Assim, o cereal das percepções, com a ação do vento inspirador e do mecanismo triturador das ferramentas da mente e da oficina do artista, cria a farinha que servirá de alimento para o leitor e para o poeta. Ou melhor: os dois poetas – aquele que habita o criador e aquele que se esconde no leitor e permite que ele consiga colher o que o criador replantou, ao gerar o poema.

Um outro acréscimo significativo se dá na última linha, em que, por motivos de manutenção do ritmo, adiciono a palavra “*tylko*” (“somente”, “apenas”). Na minha leitura do poema de Leminski, sempre surgia a imagem de um poeta que consegue falar a língua dos anjos, que seria a língua dos homens: a poesia que adere à realidade e cria sua nova edição. Creio que, na minha versão deste poema, a restrição da palavra “*tylko*” fortalece essa imagem. O poeta ideal abre a boca apenas para pronunciar flores, não sendo necessária a posterior seleta delas em florilépios ou *anthologias*. Essa imagem romântica do poeta talvez sombreie um pouco a visão descrita na leitura do original, em que se unem os elementos da noite e do dia, da boemia e da poesia, que, apesar disso, continua à disposição do leitor, talvez um pouco menos explícita. Em compensação, o poema traduzido apresenta um poeta que pronuncia palavras divinas e é capaz de produzi-las, graças à (ou apesar de) sua cabeça cheia de vento e ao esforço de moer a realidade. Ao mesmo tempo, o uso de “apenas” para definir a poesia reflete também o segundo sentido que pode ser atribuído ao vocábulo, que sugere que a poesia falada pelo eu lírico seja algo de menor valor, apenas poesia, um inutensílio, e nada mais. Creio que assim o poema reflete a autoironia e o sentido de realidade de Leminski, que, acreditando nos poderes da poesia e do poeta, desinflava também essa imagem, vendo a si mesmo com os olhos daqueles que não acreditam em poesia, talvez com excesso de modéstia e amargura. Os sonhos juvenis de ser Homero com demasiada frequência findam como num outro poema (que, aliás, também faz parte do livro traduzido):

um dia
a gente ia ser homero
a obra nada menos que uma ilíada

depois
a barra pesando
dava pra ser aí um rimbaud
um ungaretti um fernando pessoa qualquer
um lorca um éluard um ginsberg

por fim
acabamos o pequeno poeta de província
que sempre fomos
por trás de tantas máscaras
que o tempo tratou como as flores
(Leminski, 2015, p. 24)

De algum modo o poema traduzido configura-se então como uma (re)criação que, além de possibilitar a existência de um poema de Leminski em polonês, inspira-se no poema original e em seu artesanato para criar uma obra à parte que usa subterfúgios diferentes para recriar a camada estética, uma vez que é impossível reproduzi-la, e reler a camada semântica, sublinhando os sentidos que foram mais importantes para o leitor que habita no tradutor e que foram por vezes inspirados pelas palavras do autor que aparecem em outros escritos.

O segundo poema da série, mesmo tendo a mesma história que foi descrita acima, é uma obra em que o elemento criativo teve participação mais significativa. Vejamos o original:

acordei bemol
tudo estava sustenido

sol fazia
só não fazia sentido
(Leminski, 2015, p.102)

No caso da camada sonora desse poema, observamos novamente uma estrutura rítmica, embora um pouco irregular (nos versos iniciais das duas estrofes, temos 5, na primeira, e 4 na segunda, e 8 sílabas nos versos finais) e uma rima dos dois participípios passados. Chamam atenção, também, as aliterações de “s” (“sustenido”, “sol”, “só”, “sentido”) e “t” (“tudo”, “estava”, “sustenido”, “sentido”), assonâncias de “e” (“acordei”, “bemol”, “estava”, “sustenido”, “sentido”), além da repetição da palavra “fazia” nos dois versos da segunda estrofe. A brincadeira da camada semântica consiste nos usos de vocabulários da área de música (“bemol”, “sustenido”, “sol” e a presença de “acorde” na palavra “acordei”), com sugestão de ampliação de seus sentidos, uso dos dois sentidos das palavras “sol” e “fazer”, além de recurso que une os artifícios das camadas sonora e semântica: uso da semelhança entre palavras “sol” e “só” na mesma posição nos dois versos da segunda estrofe. Uma vez

que a palavra para “sustenido” em polonês traz sentidos diferentes e não há uma palavra que seja ao mesmo tempo semelhante sonoramente e signifique “sol” (“*słońce*”) e “só” (“*tylko*”), a dificuldade de traduzir o poema parece intransponível. Se ainda acrescentarmos que o sol em polonês apenas brilha (“*świeci*”) e não faz, assim como sentido não “faz” (“*robi*”), mas “tem” (“*ma*”), diante do tradutor não há outro caminho a não ser criar seu próprio poema, que seja de algum modo inspirado nas artes e malandragens do original. O resultado ficou assim:

*obudziłem się z bemolowanym
dookoła wszystko było krzyżkowe*

*słońce świeciło pełną gamą blasków
tylko sen wraz z sensem gdzieś się schował*

(Leminski, 2015, p.103)

De algum modo neste poema também se preservou a aliteração do “s” (“*się*”, “*wszystko*”, “*słońce*”, “*blasków*”, “*sen*”, “*sensem*”, “*schował*”), mas a estrutura rítmica mudou consideravelmente, mesmo mantendo a melodia irregular, como no poema de partida. O primeiro verso tem 10 sílabas, o segundo, 12, o terceiro, 11 e o quarto, embora pareça graficamente o mais longo, tem 10 sílabas, refletindo o primeiro. As rimas unem duas categorias diferentes, um adjetivo, “*krzyżkowe*”, e verbo, “*schował*”, terceira pessoa singular do pretérito.

A camada semântica do poema em tradução traz mudanças significativas. Mesmo mantendo uma parte da brincadeira musical, é preciso decidir qual dos sentidos do “sol” do original é preferível manter, o da nota ou o do astro-rei. A opção pela estrela em detrimento da nota, no entanto, foi seguida por um acréscimo que queria fazer jus à brincadeira leminskiana, igual nos dois idiomas: “gama”. Com a diferença de que no poema em polonês ela faz referência ao reino visual, pois trata-se de gama dos brilhos, das cores diferentes, ou seja, ao espectro solar (“*gama blasków*”). Surge, assim, uma união quase sinestésica dos domínios sonoro e visual. Um outro procedimento que seguia o que Leminski fazia nos seus poemas é a percepção que em polonês as palavras “*sen*” (“sonho” e “sono” ao mesmo tempo) e “*sens*” (“sentido”) soavam igualmente, permitindo insinuar um falso parentesco etimológico muito interessante, do ponto de vista do significado, que sugere ao leitor que todo sentido tem a ver com sonhos. Além disso, graças à ambiguidade da palavra em polonês, constatamos que a percepção de sentido, (assim como a percepção de sua falta) pode espantar o sono. Algo que se enraíza no poema, uma vez que o eu lírico no primeiro verso afirma que acordou.

Outro sentido inexistente no poema original está presente nas brincadeiras que definem como o narrador do poema acordou. Enquanto no original ele acorda num semitom abaixo (“bemol”) e percebe a realidade alterada, subida em meio tom (“sustentada”), talvez um pouco estridente, no poema traduzido ele acorda num neologismo, “*zbemolowany*”, que une a palavra “bemol” com a palavra “*zdemolowany*” (“destruído”). Diga-se de passagem, “*zdemolowany*” têm origem comum com a palavra “demolido” na última flor do Lácio e, no uso coloquial, sugere algum estado parecido com ressaca física ou moral. “*Zbemolowany*”, portanto, está abaixado em meio tom e destruído, arrasado. E a seguinte brincadeira musical vem em uma consonância dissonante com o neologismo, mesmo sendo um tanto diferente do caso do original. O eu lírico acorda vendo tudo “*krzyżkowe*”, que seria a tradução fiel do “sustentado”, com a diferença de que a palavra polonesa significa também “cheio de cruzinhas”, “cruzadinho”, por se referir ao símbolo ♫, que marca a operação de subir um semitom na nota precedida por ele. O leitor polonês, que vive num país marcado por forte catolicismo, relacionado com excesso de doutrinação e conservadorismo, de imediato vai relacionar a situação de tudo estar “*krzyżkowe*” (“cheio de cruzinhas”) com esse predomínio da Igreja na vida cotidiana e na política direitista que assolou o país nos últimos anos. Vale a pena destacar que essa palavra faz um eco bastante fiel da palavra usada para falar, com certo desdém, dessa tendência na vida do país: “*kościółkowe*” (algo como “da igrejinha”, “eclesiasticozinho”), que faz com que sejam perceptíveis também ecos dos procedimentos usados pelo samurai-malandro.

Vejamos então a situação que se apresenta no poema traduzido, que tenta fazer jus à irreverência e inventividade de Leminski: o eu lírico acorda arrasado, “bemolido”, seja por perceber que tudo ao redor está “eclesiasticozinho”, seja por estar destruído a ponto de ver em torno de si a realidade sustentada aos céus como num cemitério cheio de cruzes. O sol brilha com todo espectro de suas cores, mas não há sentido que sumiu (“*schował się*” – “escondeu-se”) junto com sono e sonhos. Ouso dizer que a brincadeira de traduzir deu certo graças à fidelidade parcial, à infidelidade inspirada por fidelidade, ou seja, apresenta um caso de *mimesis* tradutória, que pode ser traduzida como “imitação criativa” ou “criação imitativa”, como preferirem.

Por fim, o terceiro poema, que, assim como o segundo, foi originalmente publicado no livro poético de 1980, intitulado *Não fosse isso e era menos/ não fosse tanto e era quase:*

Apagar-me
diluir-me
desmanchar-me

até que depois
de mim
de nós
de tudo
não reste mais
que o charme
(Leminski, 2015, p. 102)

O poema, de início, apresenta um potente desafio ao tradutor: uma série de verbos reflexivos no infinitivo, acompanhados por pronomes reflexivos de primeira pessoa. Os infinitivos rimam entre si e rimam com a última palavra do poema. Um charme próprio de Leminski. No processo de desaparecimento (apagamento, diluição, desmanchamento), descrito pelos verbos, o eu transforma-se em nós e os nós transforma-se em tudo. Vale notar que o uso de verbos em infinitivo que rimam entre si e com a última palavra do poema desde o início faz com que fique evidenciado esse processo por meio do uso do pronome átono “me”, que, justo pelo fato de não ser acentuado, provoca o efeito de desaparecimento progressivo do eu autoral descrito no poema. O charme que resta é o encanto, a atração, mas também a magia da poesia, que permanece depois do desaparecimento do poeta ou do tradutor, que se dissolvem nas suas obras.

*Samowymazywanie
samorozpuszczanie
samorozkładanie
aż ze mnie
z nas wszystkich
z wszystkiego
nic więcej niż wdzięk
nie zostanie*
(Leminski, 2015, p. 103)

O mesmo feito de usar os infinitivos acompanhados de pronome seria impossível no polonês, pelo fato de que seria preciso usar o pronome impessoal “*się*”, uma vez que em polonês o uso do infinitivo e da primeira pessoa diria ao leitor que o eu lírico foi apagado e não que se autoapagou. Isso sem falar da dificuldade imensa de encontrar uma boa rima que de algum modo fizesse um desenho melódico semelhante. A saída encontrada foi mudar a forma usada por Leminski: “Apagar-me / diluir-me / desmanchar-me” foi

transformado em autoapagamento, autodiluição e autodecomposição, que no poema em tradução rimam com “*nie zostanie*” – “não restará”. Ouso dizer que o charme e o destaque dado ao “charme” não se perderam de todo. A palavra por conta do desenho rítmico ganha certo destaque e ressoa diferenciada do resto do poema.

Olhemos agora para o poema que escolhi aqui também para comentar um pouco o trabalho do tradutor, tão semelhante ao descrito pelo poeta. O autor que se apaga, “o kamiquase”, está refletindo aqui sobre o processo da vida e da criação, e este tradutor vê uma descrição perfeita daquilo que seria seu entendimento do ofício tradutório. Um tradutor é um leitor privilegiado e insolente ao mesmo tempo. Privilegiado porque tem a possibilidade de reescrever a obra que lhe fascina (ou pelo menos, na minha opinião, deveria fasciná-lo, se quisermos ter um resultado inspirado e vivo), criar uma obra que é uma homenagem ao texto que admira e ao qual quer dedicar o precioso e limitado tempo de sua existência, além de suas forças criativas e habilidades que, mesmo que não pareçam limitadas, também o são. Insolente porque comete a *hybris* de querer refletir ou quiçá melhorar o texto de partida, ou ao menos criar uma obra que seja tão boa quanto a que inspirou seu trabalho. O diálogo próximo com os mestres, possibilitado pela tradução, talvez seja um dos frutos mais doces que um tradutor possa colher. As sementes desses frutos germinam até que o tradutor consiga fazer o que o poeta sugere nesse texto: apagar-se, diluir-se, desmanchar-se, para que um novo texto, como uma nova árvore, possa trazer frutos semelhantes, mas sempre novos, que tenham um sabor diferente e possam ser oferecidos a outras bocas de outros leitores vorazes. Em suma: o tradutor precisa que a magia, o “charme” do original seja minimamente preservado, se a obra de chegada há de refletir a de partida filtrada (ou, se preferirem, fracionada) pelo prisma do tradutor. A luz branca do original, fonte de todas as possibilidades, deve ser traduzida em arco-íris, espectro de todas as cores.

Das recepções e decepções

Não posso negar que minha expectativa na hora da publicação do livro na Polônia era que ele pudesse abrir caminho para uma edição mais ampla e mais bem distribuída das obras do poeta, algo que até hoje não aconteceu. Apesar de várias tentativas, até agora *Powróciło moje polskie serce* permanece como o único livro de Leminski editado na Polônia. Houve, no entanto, resenhas que se debruçaram sobre ele e frisaram sua importância. Władysław Miodunka, pioneiro da metodologia do ensino de polonês e um dos maiores responsáveis pela promoção da língua polonesa no mundo, professor de uma das mais antigas universidades do mundo, a renomada Uniwersytet Jagielloński (Universidade Jaguelônica), dedicou ao livro uma resenha em

que qualificou a publicação como “*wydarzenie literackie*” [“*um acontecimento literário memorável*”] (Miodunka, 2015, p. 267). Um dos corresponsáveis pela ideia da criação do curso de Letras Polonês na UFPR, Miodunka conheceu muito bem a realidade brasileira e polonesa, a ponto de debater com as escolhas tradutórias e ser mais realista em relação às expectativas esboçadas por mim no início desta seção. De fato, reconhecia a importância e o ineditismo do feito de publicar a obra de Leminski na Polônia, considerando o que eu via como um primeiro passo um evento memorável, tanto por seu pioneirismo quanto pela dificuldade de sua eventual continuação.

Alguns poemas da seleta apareceram em uma revista especializada em poesia (Kilanowski, 2015), e tive também a oportunidade de usá-los em alguns artigos. Os três poemas discutidos acima apareceram em uma antologia de minhas traduções de poesia brasileira ao lado de poemas de Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Alice Ruiz, Sérgio Medeiros, Marçal Aquino, Nelson Ascher, Marco Lucchesi e Guilherme Gontijo Flores publicada numa revista literária *Fraza* (Kilanowski, 2020); de vez em quando recebo pedidos para compartilhar o livro, acessível apenas em bibliotecas. Leminski e sua identidade foram tema de artigo científico de Janusz Barwik (2016), que também fez referência ao livro. Além disso, um artigo sobre vida e a obra de Leminski que cita alguns poemas do livro foi publicado por Aleksandra Pluta no portal *culture.pl* em 2015 (Pluta, 2015). Tive oportunidade de falar sobre o poeta e sua obra algumas vezes em palestras nas universidades polonesas e na exposição sobre suas raízes polonesas, que circulou por várias cidades importantes do país. Leminski também foi protagonista de programas na televisão polonesa (algumas matérias da série *Olá Polônia* foram dedicadas a ele, graças ao trabalho incansável do repórter Oskar Płonka).³ Tudo isso me faz sentir que, mesmo que ele seja menos desconhecido na Polônia do que antes, Leminski continua sendo um ilustre desconhecido que ainda espera a oportunidade de receber atenção e o respaldo que merece. Embora o cenário não seja muito animador, continuo a traduzir seus poemas, com a esperança de conseguir um espaço no mercado editorial.

Ao mesmo tempo, o livro de traduções publicado em Curitiba continua a despertar um interesse que me surpreende, uma vez que a maioria das pessoas que o procuram ou falam dele comigo me parece não ter fluência suficiente em polonês para conseguir apreciar todos os truques do tradutor. Me consola que uma das pessoas que com toda certeza consegue perceber as nuances e

³ Alguns desses programas podem ser assistidos na internet, como a reportagem “*Paulo Leminski – artysta i pisarz z Kurytyby*”, realizada em 2021 (Disponível em: <https://olapolonia.tvp.pl/53693942/paulo-leminski-artysta-i-pisarz-z-kurytyby>; Acesso em: 1 set. 2024) ou a “*Paulo Leminski i jego Kurytyba*”, realizada em 2023 (disponível em: <https://olapolonia.tvp.pl/71155953/paulo-leminski-i-jego-kurytyba>; acesso em: 1 set. 2024).

brincadeiras tanto do autor quanto do tradutor, Luiz Henrique Budant, ele mesmo estudioso e tradutor, ao falar sobre o livro, deu a seu texto o título que me lisonjeia: “Leminski em polonês soa... Leminski” (Budant, 2015).

Traduzir Leminski⁴

E como é traduzir Leminski? Tentarei compartilhar impressões com base em poemas cujas traduções continuam inéditas, esperando a possibilidade de aparecerem num volume que, quiçá um dia será publicado, unindo os poemas do primeiro livro com os ainda inéditos. Traduzir Leminski é andar desarmado numa floresta cheia de veredas que se bifurcam e animais ambíguos. Se, por um lado, o tempo todo podemos vislumbrar coisas nunca antes vistas, por outro, faltam palavras para lhes fazer jus. Para sair da floresta ou se movimentar nela, muito frequentemente é preciso abrir trilhas diferentes daquelas estabelecidas pelo poeta, para, assim, poder chegar a uma clareira. Portanto perdem-se coisas pelo caminho e é preciso desfigurar a floresta original para poder de algum modo atravessá-la e mostrar o mapa para aqueles que quiserem ouvir as histórias sobre como é andar por aquele mato ou, ainda, sobre como aquele que tentou desbravá-lo conseguiu passar por aquele espaço selvagem, ou melhor, selvagemente organizado.

Ainda mais quando se tenta transplantar a mata atlântica de Leminski, com direito a araucárias e flores tropicais, para o terreno de um idioma desacostumado com a presença de toda fauna e flora dos trópicos. O que fazer com os bichos-preguiça, beija-flores e macacos verbais que abundam nesse mato? Como transplantar um manacá para um solo que nunca o viu?

Seguem algumas tentativas comentadas. Cada uma delas ao mesmo tempo falha e bem-sucedida, mas assim é o ofício do tradutor de poesia. Sempre se perde aqui e ganha-se acolá, e os ganhos nunca superam as perdas. Assim como na vida...

Como mencionado acima, no livro alguns poemas precisaram de mais de uma versão. Pois como saber se Leminski quer rir dos mistérios ou se contempla o rio cheio deles?

rio do mistério
que seria de mim
se me levassem a sério
(Leminski, 2015, p. 64)

⁴ Essa e a próxima seção do artigo consistem em uma versão atualizada e ampliada de um texto de minha autoria publicado no *Boletim TAK!*, a agenda cultural Polônia Brasil, publicada bimestralmente pela Casa da Cultura Polônia Brasil em Curitiba. O número 36 de julho/agosto de 2024 era dedicado à comemoração do aniversário de 80 anos de Paulo Leminski e está disponível em: http://poloniabrasil.org.br/site/wp-content/uploads/2024/08/Boletim_TAK_numero_36_julho-agosto.pdf. Acesso em: 1 set. 2024.

Se a primeira versão polonesa, reproduzida abaixo, adere ao entendimento mais fluido do “rio”, na segunda optei por usar uma repetição dessa palavra para imprimir ao texto o ritmo desejado, o que acabou dando um ar mais dramático ao poema traduzido. Diga-se de passagem, essa opção não foi registrada no livro. Na época, optei pela fidelidade ao texto de partida para tentar preservar o estilo lapidar de Leminski, mas, na minha cabeça, o poema continuou por todo esse tempo com essa repetição, inexistente no original e nas primeiras publicações do poema em tradução. Por que decidi apresentar essa infidelidade agora? Talvez pela necessidade de fazer jus ao que gostaria de ver desde o primeiro momento, àquilo de que desisti, por tentar uma aproximação mais próxima possível ao poema de partida.

*śmieję się z misterium
co byłoby ze mnie
gdyby mnie brano na serio*

*rzeko, rzeko misteriów
co byłoby ze mnie
gdyby mnie brano na serio*

(Leminski, 2015, p. 65)

Como disse, continuo tentando andar, de vez em quando, pelas florestas e jardins leminskianos, mas o olho da língua, que precisa rimar, ao invés de formigas felizes, enxerga abelhazinhas (“*pszczółki*”), necessárias para o poema poder cantar ou zumbir alegremente:

jardim da minha amiga
todo mundo feliz
até a formiga

*ogród mojej przyjaciółki
wszyscy szczęśliwi
nawet pszczółki*

Numa outra trilha, no entanto, a lesma, além da chuva, recebe do tradutor, como o presente de aniversário, a possibilidade de se arrastar feliz em polonês, sem necessidade de ser transfigurada pelas palavras deste em alguma outra criatura:

feliz a lesma de maio
um dia de chuva
como presente de aniversário

szeroki żółty
szczęśliwy ślimak majowy
deszczowy dzień
jak prezent urodzinowy

E o que fazer com o sapo de Leminski? Ele deve coaxar algo que não entendemos, ou aproveitar a possibilidade que em polonês o equivalente de “coaxar” (“*rechotac*”) é de imediato associado com o que seria “gargalhar” em português? Acho (ah, essas presunções tradutórias de achar o que autor preferiria...) que, aqui, o autor aproveitaria e deixaria o sapo rindo de algo que escapa à nossa capacidade de compreender, mas vejam as duas opções. Percebam também que a noite alta teve que permanecer nas alturas, sem poder significar horas muito tardias. Como disse antes, perdas e ganhos. Na segunda versão, “o sapo” em polonês ganhou a forma masculina inusitada nesse idioma (sim, sapos poloneses são “sapas”, uma vez que colocar a palavra polonesa de gênero feminino, usada para designar sapo, “ropucha”, no gênero masculino é tão inusitado quanto a tentativa de afeminar o “sapo” em português).

*niski księżyc na niebie wysokiej nocy
zapytaj się ropuchy z czego tak rechocze*

*niski książyc na niebie wysokiej nocy
zapytaj się ropucha o czym on rechocze*

Para terminar essa seção, um poeminha que resume o fazer tradutório e, por motivos de ritmo e rimas, o tradutor se sente obrigado a acrescentar em polonês “*trudna rada*”, algo que deve ser traduzido como “o que se há de fazer?”, mesmo que seu sentido literal seja “conselho difícil”. O que se há de fazer? O conselho difícil é traduzir, apesar de tudo...

longo o caminho
até uma flor
só de espinho

*długa droga do kwiatu
trudna rada
z samych kolców się składa*

Meia palavra besta ou sobre a tradução de um poema

Quando fui convidado para escrever sobre a tradução de Leminski por conta de seu aniversário de 80 anos, em agosto de 2024, um dia depois de enviar o texto recebi o pedido de traduzir um poema seu que até então só havia sido publicado no jornal curitibano *Correio de Notícias*, em outubro de 1984. O prazo, que inicialmente era “para já”, foi gentilmente estendido em uma semana, o que possibilitou que a tradução viesse a existir. O poema é mais um daqueles poemas poloneses de Leminski, em que o poeta afirma sua simpatia pela etnia dos seus antepassados e se identifica com ela. O que motivou o poema, vê-se pela dedicatória, foi o assassinato de padre Jerzy Popiełuszko (1947-1984), morto pelos funcionários do serviço secreto do sistema comunista depois de uma sessão de torturas. O padre, que era um dos sacerdotes do sindicato Solidariedade, foi considerado posteriormente um mártir da Igreja Católica e declarado um beato em 2010. A descoberta do crime causou uma comoção no cenário polonês e internacional, e a história serviu de inspiração para peças, composições musicais e filmes, o mais famoso deles *To kill a priest*, de 1988, dirigido por Agnieszka Holland. O poema foi intitulado “Meio polaco”. Vejamos:

Meio polaco

*Para o padre Popiełuszko
assassinado pela polícia secreta polonesa,
por seu amor
ao sindicato Solidariedade*

Polaco sou meio polaco
meio demo meio crata
meio inteiro, meio parte

meio ou tudo ou meio nada
meio que olho, e o que vejo?
vejo a mim e mais um meio
vejo um sonho apodrecendo
e um grito ficando velho
fecho um olho e meio vejo
um povo querendo a vida
e a vida flor do desejo
é em horas como esses
que somos todos polacos

Tendo em mente as experiências anteriores, novamente optei por oferecer ao leitor duas versões da tradução, dois poemas traduzidos, semelhantes e diferentes entre si, que contavam até com títulos distintos. Depois das traduções, segue a reflexão escrita a respeito da tradução desse poema que, imagino, ofereça a melhor conclusão deste depoimento e destas ponderações a respeito do poema em tradução.

Na wpół Polak

Dla księdza Popiełuszki,
zamordowanego przez polską tajną policję
za swoją miłość
do związku „Solidarność”

*Polak jestem na wpół Polak
na wpół demo, na wpół krata
na wpół cały, na wpół kawałek
na wpół albo wszystko albo na wpół nic
na wpół patrzę i co widzę?
widzę siebie i otoczenie
widzę gnijące marzenie
i starzejący się krzyk
przymykam oko i na wpół widzę
ów naród pragnący życia
a życie kwiat pożądania
jest w takich jak te chwilach
gdy wszyscyśmy Polakami*

Jakby Polak

Dla księdza Popiełuszki,
zamordowanego przez polską tajną policję
za swoją miłość
do związku „Solidarność”

*Polak jestem jakby Polak
jakby demo, jakby krata
jakby cały, jakby kawałek
jakby albo wszystko albo jakby nic
jakby patrzę i co widzę?
widzę siebie i jakby więcej
widzę gnijące marzenie
i starzejący się krzyk
przymykam oko i jakby widzę
ów naród pragnący życia
a życie kwiat pożądania
jest w takich jak te chwilach
gdy wszyscy my Polakami*

Havia um Leminski no meio do caminho (do tradutor) ou talvez um Leminski na rua no meio do redemoinho (de “meios”). Então, o tradutor teve que fazer o meio de campo para poder entregar a tradução em uma semana ao meio de comunicação de massa. Como ficou a tradução? Dividida meio a meio, entre a fidelidade e a invenção. O meio de produção da poesia é a língua, e o da tradução são duas línguas, então a tradução de um poema como esse sempre tem que encontrar um meio-termo. De qualquer forma, por meio de um idioma a gente meio que tenta expressar o que cabe naquele outro, mas nesse fica pelo meio. Na versão final polonesa, o “meio” de Leminski ficou meio distante de si mesmo. Numa das versões, transformou-se em “*na wpół*” (“meio”, “parcialmente”), noutra em “*jakby*” (“como se”), e eu ainda estava cogitando uma terceira versão com “*trocę*” (“um pouco”, “um tanto”, “um bocado”). Todas as possibilidades encontradas acarretavam inevitáveis perdas (uma vez que “o meio” usado pelo poeta, além de significar “metade”, pode também dizer no poema “parte”, “quase”, “como se”, “um pouco”, “grupo social”, “região espacial”). Creio que as duas opções apresentadas dão conta de traduzir a maioria desses sentidos. Faltaram meios para o tradutor conseguir fazer mais. Assim, o efeito final, partido ao meio entre dois poemas, é meio Leminski. E, guardadas as devidas proporções, meio Kilanowski.

Referências

- BARWIK, Janusz. Tożsamość polska Paulo Leminskiego. *Rocznik Biblioteki Narodowej*, Warszawa, v. XLVII, n. 47, p. 109-124, 2016.
- BUDANT, Luiz Henrique. Leminski em polonês soa Leminski? *Qorpus*, Florianópolis, v. 18, n. 1/2015, s.p., 2015.
- KILANOWSKI, Piotr. Ostatni wielki poeta popularny Brazylii. *Poezja Dzisiaj*, Warszawa, n. 109, p. 59-65, 2015.
- KILANOWSKI, Piotr. Tłumacząc garść wierszy brazylijskich. *Fraza*, Rzeszów, v. 1-2, n. 108-109, p. 52-71, 2020.
- LEMINSKI, Paulo. Wiersze. Catatau. Tradução de Michał Lipszyc. *Literatura na świecie*, Warszawa, v. 1-2 , n. 474-475, p. 221-251, 2011.
- LEMINSKI, Paulo. *Powróciło moje polskie serce. Meu coração de polaco voltou*. Tradução Piotr Kilanowski, Konrad Szczęśniak. Organização de Piotr Kilanowski. Katowice: Gnome, 2014.
- LEMINSKI, Paulo. *Meu coração de polaco voltou. Powróciło moje polskie serce*. Tradução de Piotr Kilanowski, Konrad Szczęśniak. Organização: Piotr Kilanowski. Curitiba: Casa da Cultura Polônia Brasil, 2015.
- LIPSZYC, Michał. Kiedy mój wiersz mi zmierzcha. *Literatura na świecie*, Warszawa, v. 1-2, n. 474-475, p. 252-258, 2011.
- MIODUNKA, Władysław. Wydarzenie literackie: Leminski osobny. *Postscriptum polonistyczne*, Katowice, n. 15, p. 267-273, 2015.
- PLUTA, Aleksandra. Paulo Leminski. *Culture.pl*, abr. 2015. Disponível em: <https://culture.pl/pl/tworca/paulo-leminski>. Acesso em: 1 set. 2024.

Piotr Kilanowski. Professor no Curso de Letras-Polonês e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná e tradutor, principalmente de poesia. Traduziu, entre outros: Zbigniew Herbert, Wisława Szymborska, Jerzy Ficowski, Władysław Szlengel, Irit Amiel e Anna Świrszczyńska para o português, e Paulo Leminski para o polonês.

E-mail: emaildopiotr@gmail.com

Declaração de Autoria

Piotr Kilanowski, declarado autor, confirma sua participação em todas as etapas de elaboração do trabalho: 1. Concepção, projeto, pesquisa bibliográfica, análise e interpretação dos dados; 2. Redação e revisão do manuscrito; 3. Aprovação da versão final do manuscrito para publicação; 4. Responsabilidade por todos os aspectos do trabalho e garantia pela exatidão e integridade de qualquer parte da obra.

Parecer Final dos Editores

Ana Maria Lisboa de Mello, Elena Cristina Palmero González, Rafael Gutierrez Giraldo e Rodrigo Labriola, aprovamos a versão final deste texto para sua publicação.

Recebido em: 12/08/2024

Aceito em: 15/12/2024